



JOVENS GAYS NA ESCOLA: DA VIOLÊNCIA HOMOFÓBICA À CONTRACULTURA DAS DIFERENÇAS

Autor: Alexandre Martins Joca

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – alexmartinsjoca@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo é uma reflexão sobre a vivência da sexualidade por jovens gays em escolas públicas de Fortaleza/CE e as implicações decorrentes dos conceitos e preconceitos que permeiam o campo das homossexualidades. Para isso, foi utilizado como material empírico os relatos de jovens gays, adquiridos por meio de grupos focais, sobre sexualidade e escola. Eles nos revelam o quanto a vivência da homossexualidade ainda está permeada por conflitos e violências decorrentes da homofobia presente no cotidiano escolar desses jovens. Este cenário aponta para a demanda de uma resposta social e a emergência da efetivação de políticas educacionais afirmativas de ressignificação das sexualidades que proporcionem relações positivas com LGBT nos espaços escolares.
Palavras-chave: Jovens Gays, Homofobia, Educação, Escola.

INTRODUÇÃO

Este artigo é uma reflexão sobre as experiências da sexualidade vivenciadas por jovens gays em escolas públicas de Fortaleza/CE e as implicações decorrentes dos conceitos e preconceitos que permeiam o campo das homossexualidades na formação escolar desses jovens. Para isso, utilizo como material empírico de análise os relatos de jovens gays participantes de pesquisas e atividades realizadas pelo Grupo de Resistência Asa Branca - GRAB¹ em Fortaleza/CE. Os dados foram coletados através da realização de grupos focais com jovens gays, de faixa etária entre 14 e 29

anos, moradores de alguns bairros localizados na Secretária Executiva Regional I - SER I² de Fortaleza.

As situações de vulnerabilidades relacionadas à sexualidade trazidas por estes sujeitos em seus relatos nos remetem a questões diversas sobre o modo como estes se percebem em seu cotidiano considerando as implicações decorrentes da experiência da homossexualidade e suas relações com a escola. Ao realizar uma análise parcial sobre as informações coletadas por meio desses

¹ O Grupo de Resistência Asa Branca – GRAB é uma instituição não-governamental que desde 1989, no Ceará, atua na defesa da liberdade de orientação sexual e dos direitos da população LGBT.

² A cidade de Fortaleza é dividida em 06 macro regiões denominadas Secretarias Executivas Regionais, essas divisões tem como objetivo dividir a cidade em regiões com subadministrações para um melhor planejamento e execução de serviços e ações. A Secretaria Executiva Regional I (SER I) abrange quinze bairros localiza-se no extremo oeste da cidade e tem cerca de 360 mil habitantes, 16,5% do total de habitantes da Capital.



grupos focais, algumas questões podem ser elencadas: Qual a influência da sexualidade e das relações de gênero em seus processos formativos ao vivenciam a homossexualidade no cotidiano escolar? Que estratégias de resistências são empregadas por jovens gays (nas relações entre pares e não pares) em sua sociabilidade no cotidiano de escolar? Qual a influência (positiva e/ou negativa) do espaço escolar no processo de descobertas e vivências da sexualidade?

Sem pretensões de encontrar ou formular respostas, este artigo se propõe a discutir sobre essas interrogativas, pois me parece um caminho que merece se percorrido no sentido de contribuir para a efetivação uma educação escolar, para todos e todas independente do gênero, sexo e orientação sexual.

2. Sexualidades, Homofobia e Escola

A sexualidade é compreendida aqui a partir de concepção construcionista – ou a teoria da construção social – com base em uma abordagem histórica, de compreensão da sexualidade como um construto sócio-histórico e cultural, “construída de forma diferente através da cultura e do tempo” (PARKER, 2001). Nessa perspectiva a polaridade biológico/cultural, é ilusória, já que “nosso patrimônio genético nos oferece possibilidades múltiplas que são exploradas

por intermédio de nosso patrimônio cultural, assimilado essencialmente por meio da socialização” (KOSS, 2004). Assim, a partir dessa perspectiva pós-estruturalista, o que está em jogo é o embate entre a associação sexo/gênero, ou melhor, entre o sexo biológico e identidade de gênero³ e orientação sexual. Essa distinção apresenta-se ainda bastante confusa, pois os conflitos e desigualdades decorrentes da homofobia continuam presentes nos mais diversos espaços de sociabilidade dos sujeitos, de modo que, no âmbito da educação formal, as escolas brasileiras e os/as profissionais da educação têm demonstrado bastante dificuldade em estabelecer relações sociais positivas com os jovens LGBT, configurando um cenário de práticas discriminatórias⁴ de violação/negação de um direito constitucional fundamental: a educação.

Instituição de formação e sociabilidade, especialmente dos/as jovens, a escola tem se configurando como um espaço de produção e reprodução das diferenças e com sua dinâmica institucional centrada no disciplinamento, insiste em padronizar currículos, práticas educativas, espaço geográfico,

³ Ver Parker (2001); Weeks (2001); Buther (2003); Louro (2004); Bonzon, (2004).

⁴ Lionço e Diniz (2009) entendem práticas discriminatórias “como a valorização das diferenças de modo a promover desigualdades ou prejuízos para as partes desqualificadas” (LIONÇO e DINIZ, 2009)



arquitetônicos e os sujeitos, configurando-se como um espaço de produção e reprodução das diferenças, reafirmando as relações sexuais hegemônicas, principalmente, no âmbito das questões de gênero e de orientação sexual⁵. Um exemplo são as dificuldades demonstradas por educadores/as sobre o convívio com LGBT nos ambientes escolares, de modo que preconceitos e atos de discriminação contra a população LGBT muitas vezes são naturalizados e banalizados. Os próprios educadores/as, comumente, consideram estes casos como “brincadeiras”, “coisas sem importância”. Daí, não apenas silenciam, mas colaboram ativamente na produção e reprodução da homofobia (LOURO, 1997; LOIOLA, 2005; JOCA, 2008, entre outros).

Em pesquisa realizada, em 2008, pelo Grupo de Resistência Asa Branca - GRAB com jovens gays e outros HSH, com faixa etária entre 15 e 29 anos, das periferias de Fortaleza⁶ apontou alguns dados sobre as implicações da sexualidade na sociabilidade desses jovens. Dos 100 jovens investigados, 27,2% afirmaram ter sido marginalizado por professores ou colegas na escola em virtude de sua

⁵ Ver “*Juventudes e Sexualidade.*” (ABRAMOVAY, 2004).

⁶Consultar a obra “*Juventudes Homossexuais e Sexualidades: comportamentos e práticas*” (PEDROSA, Francisco e CASTRO, Camila, 2008).

orientação sexual. Questionados sobre Violência, Preconceito e Discriminação os jovens afirmaram que os locais públicos são os principais espaços onde ocorrem as maiores agressões em decorrência de sua orientação sexual (35%), em segundo lugar aparece a escola (28,2%). As principais agressões sofridas são: agressão verbal/ameaça de agressão, por 56,30%; agressões físicas, reveladas por 17,5% e chantagem e extorsão por 15,5%. Os principais agressores foram desconhecidos/as, para 33,0%, seguidos por colegas da escola ou faculdade, relatados por 30,1%, 20,4% por familiares e 3,9% por professores. As discriminações mais relatadas foram terem sido excluídos ou marginalizados de um grupo de amigos ou vizinhos (32%) e por professores ou colegas na escola/faculdade (27,20%). (PEDROSA & CASTRO, 2008).

Percebe-se, neste cenário, uma carência de ações pedagógicas programadas⁷ sobre sexualidade e diversidade sexual na perspectiva do enfrentamento à homofobia nos espaços escolares e as narrativas docentes sobre as implicações da homossexualidade no

⁷ Denomino aqui de “programado” as ações ou atividades educativas previamente programadas a serem desenvolvidas pela escola no processo de ensino-aprendizagem dos/as jovens estudantes. Tais atividades estão de acordo com o que se espera da instituição escolar em relação à formação do/a cidadão/as. (JOCA, 2008, p. 99) b.



ambiente escolar, evidenciam que a partir do “assumir-se”, são os jovens LGBT, no acaso⁸, que têm postos à mesa da escola a temática da diversidade sexual. Assim, é através de seus comportamentos, de suas atitudes, ou simplesmente da presença, do corpo que subverte a lógica vigente heteronormativa do gênero e do sexual, que os jovens LGBT exigem da escola e de seus condutores um posicionamento frente à diversidade.

3. Juventudes LGBT e a “Pedagogia Transgressora”

Para a juventude, categoria compreendida aqui numa perspectiva para além da faixa etária, de uma fase da vida, e entendida enquanto diversa, quanto às relações entre pares, lembra Pais (2006), “há ritualizações associadas aos afetos e à sexualidade que produzem, entre os jovens, uma mediação entre desejos, angústias e desilusões”. Desse modo, entre os/as jovens educando, questões relacionadas à diversidade de orientação sexual a fragilidade na sociabilidade torna-se evidente quando Loiola (2001), ao analisar

⁸ “O acaso são os acontecimentos oriundos da sociabilidade dos sujeitos no espaço escolar.(...). Ao proporcionar a ocorrência do acaso, a sociabilidade dos/as jovens muitas vezes é confundida com ou designada como indisciplina, má conduta, pois essas experiências não são legitimadas nem reconhecidas, pela escola, como aprendizagens significativas, nem positivas para seu desenvolvimento individual e coletivo (JOCA, 2008, p. 105-106) b.

no discurso dos jovens o modo como estes estão concebendo e socializando os saberes quanto ao sexo, sexualidade e orientação sexual identifica que “não há clareza de distinção entre sexo e sexualidade, ambos são tratados como relação sexual; A orientação sexual é concebida de formas variadas, expressadas em três níveis: como opção sexual; como algo pré-destinado e; como coisa do demônio” (LOIOLA, 2001). Acrescenta ainda que

a afirmação da heterossexualidade é indiscutível; As dúvidas existentes sobre a origem da homossexualidade, para os jovens, justifica a omissão de alguns no debate; Mesmo que a maioria dos jovens não concorda com a homossexualidade, todos consideram necessário o respeito a homossexuais; A maioria dos discursos de aceitação da homossexualidade exige distanciamento dos homossexuais. (LOIOLA, 2001, p.77).

Por outro lado, em seu estudo sobre as manifestações discursivas e/ou comportamentais dos/as jovens em relação à sexualidade humana, especificamente, àquelas referentes à homossexualidade, o autor aponta para o surgimento de uma outra ideologia. Uma “contracultura” pautada na “aceitação das diferenças“, esta, empreendida pelos atores sociais nos grupos



organizados/políticos, denominada pelo autor de “pedagogia transgressora”. Esta pedagogia aponta indicadores de uma produção de singularidades, de valorização do outro, do respeito e da necessidade se ser feliz, de modo a desfamiliarizar⁹ todos os significados e sentidos que desconsideram as pessoas e suas subjetividades (Loiola, 2001). No campo coletivo, ressalta, um elemento importante dessa pedagogia tem sido a visibilidade, quando

os sujeitos concretos, minoritariamente concebidos como “anormais” ou “desviantes” e ainda “inversos” em relação à sua sexualidade resistiram e encontraram, também, estratégias para o combate à violência e a defesa da existência da diversidade sexual, de modo que, com uma série de movimentos foram aparecendo na sociedade uma outra configuração, descortinando a moralidade segregadora, pondo em evidência a visibilidade das diferenças (LOIOLA, 2005, p. 139).

Numa dimensão individual, jovens LGBT, na vivência da homossexualidade (ao assumir-se publicamente) na escola, através de suas expressões corporais, de suas subjetividades, têm empreendido no cotidiano escolar essa “pedagogia transgressora”, essa

⁹ Ver Spink (1999, p. 27).

“contracultura”, frente a necessidade do reconhecimento e afirmação de sua identidade sexual¹⁰, pois, conforme observamos em pesquisas anteriores, são os jovens LGBT que têm posto à mesa da escola os saberes sobre a diversidade sexual, questionando assim, a hegemonia heteronormativa do sexual e desvendando, dando visibilidade a outras possibilidades.

4. Jovens Gays na escola: homossexualidade e educação

A juventude, entendida como uma fase da vida repleta de descobertas e conflitos se caracteriza também como um momento de experimentação da sexualidade que está diretamente relacionado com a construção de uma identidade. E as possibilidades dessa configuração identitária estão associadas ao modo como os jovens se percebem e percebem o mundo a sua volta, como explica Figueiredo (1998), “reconhecer a sexualidade como construção social assemelha-se a dizer que as práticas e desejos são também construídos culturalmente, dependendo das diversidades dos povos, concepções de mundo e costumes existentes”.

¹⁰ Para Pais (2005) os jovens, quando vistos enquanto “marginais”, “desalinhados”, transformam esta exclusão em “oportunidade para reafirmarem, exacerbarem, suas identidades”. Ao observar a construção de identidades juvenis enquanto identidades performáticas, o autor lembra que estas são “constituídas como marcas de uma pretensa individualidade. (...) Identidades que são socialmente ritualizadas” (Pais, 2005).



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Nesta perspectiva cabe entender de que modo as representações, construídas e vivenciadas, de um Brasil que historicamente tem sido pensado enquanto um país que “permite” inúmeras possibilidades de experimentações sexuais, e ainda como as imagens construídas de uma nação bastante erotizada, tem sido pensada pelos jovens. De que forma determinados dispositivos de sexualidade (Foucault, 2007) são acionados e repercutem nessas representações? E neste caso, como esse processo é vivenciado na formação escolar?

Para isso, a técnica escolhida foi a realização de grupos focais por tem como objetivo extrair dados descritivos de um subgrupo populacional e sua base está na interação que ocorre entre os participantes. Esta técnica pode ser caracterizada também pela obtenção de dados através da construção de grupos, ou seja, pela interação grupal dos informantes que devem trocar ideias entre si, estimulados por um mediador ou modelador (Simão, 2006).

Objetivando a aproximação mais ampla possível de uma representação que contemple a população alvo da pesquisa foi necessário atentar para algumas questões essenciais de modo que os seguintes critérios foram eleitos para a participação no grupo focal: a faixa etária, a situação estudantil – se atualmente está ou não estudando; se concluiu ou não o

ensino médio. A equipe articuladora do GF esteve atenta, também, evitando a participação de jovens já integrados às atividades do GRAB, como garantia ao anonimato dos membros e para a construção de um clima favorável à socialização/exposição de saberes e experiências.

É importante ressaltar que a participação voluntária dos membros dos GF iniciou com uma conversa onde os mediadores apresentaram o GRAB e os objetivos dos GT, e em seguida expuseram informações esclarecedoras sobre questões importantes para a pesquisa, como a necessidade da gravação e a confidencialidade das informações e identidade dos participantes. Em seguida iniciou-se o grupo focal e para o registro das falas foi usado um gravador com o consentimento de todos.

A metodologia utilizada para análise das discussões dos GT contou com o emprego de três categorias analíticas: a dos jovens gays estudantes de escolas públicas da SER I; a dos jovens gays que abandonaram os estudos escolares; e a dos jovens gays que concluíram o ensino médio. A primeira categoria corresponde aos jovens gays que permanecem estudando em escolas e cuja homossexualidade é vivenciada neste ambiente. Inserem-se aqui, portanto, os participantes que, atualmente estão em



atividade escolar e que assumem a identidade gay neste ambiente. Na segunda, encontram-se os jovens gays que abandonaram a escola independente de assumir ou não a orientação sexual. Compõem a terceira categoria, os jovens que terminaram o ensino médio, isto é, que permaneceram no ambiente escolar.

De acordo com o foco do estudo, a vivência da homossexualidade no ambiente escolar, o critério-chave para cada uma das categorias foi a permanência ou não no ambiente escolar, o que, por sua vez, nos indica a interferência da sexualidade no processo de formação humana e intelectual dos jovens gays. Para a análise dos GF tomaram-se como elementos de análise os seguintes tópicos ou conceitos-chaves: identidade e comportamento sexual, escola e formação, sociabilidade na escola, educação sexual escolarizada, educação, prevenção e informação. Neste artigo, abordo somente às temáticas direcionadas especificamente a sociabilidade na escola.

4.1 Escola e Formação: A formação escolar e a vivência da homossexualidade

Conforme apontam diversas pesquisas com jovens, mesmo os que abandonaram os estudos, a instituição escola tem um significado importante para alcançar êxito na vida. *A escola pra mim significa tudo! É com ela que eu vou arrumar um bom trabalho, né!*

(JG02). A homossexual aparece como um motivo a mais para o investimento nos estudos, no sentido de minimizar as discriminações sofridas. *“Se você deixar de estudar, já por a gente ser homossexual já é muito difícil, a gente já sofre muito preconceito, e você ser um homossexual sem nenhum tipo de conteúdo é pior ainda. (...) Por a gente ser homossexuais, a gente tem que se apegar mais a escola.”* (JG03). No entanto, apesar do reconhecimento da importância da formação intelectual, alguns jovens demonstram pouco interesse em frequentar a escola, justificado como *“falta de vontade”*.

A vivência da homossexualidade na escola é considerada pelos jovens como *“difícil”* e está permeada por narrativas de violências caracterizadas por atos de agressões moral e/ou física. Xingamentos, deboches e humilhações são as atitudes mais mencionadas pelos jovens e geralmente são cometidos por colegas na escola. *“Olha a vizinha” dela!!! Aquelas coisas que todos os gays que estudam escutam.* (JG05). Para Silva (2010), as cenas envolvendo provocações rompem com a noção neutra e impessoal de respeito ao sujeito de direito e a convivência obrigatória conduz a uma forma de hierarquização das diferenças que se manifesta por meio de relações denominadas *“brincadeiras”*, *“tiração de sarro”* ou,



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

genericamente, “zoação”, vista como desrespeito tolerável (SILVA, 2010).

Há o reconhecimento entre os jovens participantes de que a homofobia interfere negativamente no processo de ensino-aprendizagem. Esta situação gera conseqüências graves para sua formação e ameaça a permanência na escola. Percebe-se, também, que essas agressões ocorrem desde a infância e a reação dos jovens agredidos varia entre reivindicar à escola um posicionamento, por meio de uma ação repressora às agressões, tomar atitudes agressiva ou não reagir à agressão numa tentativa de ignorá-la. Entre as conseqüências podemos citar: dificuldade de concentração no processo ensino-aprendizagem; pouca participação em atividades coletivas em sala de aula e extra-sala; comportamento agressivo e evasão escolar.

Quase não dá pra prestar atenção na aula (JG20)

Eu já fui expulso de tanto colégio por causa disso! Quando vinham frescar comigo eu metia a peia. O ultimo, eu meti um lápis na mão dele. (JG24)

Os meninos faziam era questão de ficar jogando as coisa em mim, mas eu não tinha coragem de dizer pra diretora. (JG03)

As vezes quando era trabalho em grupo, pra apresentar lá na frente, eu não ia! Eu nunca fiz trabalho pra apresentar lá na frente de todo mundo, porque eu tinha vergonha! Vergonha dos outros debocharem... Por causa da voz, do jeito! Tinha vontade de apresentar, mas só se fosse só mulher eu apresentava o trabalho. (JG05).

Sobre a interferência das questões da homossexualidade no processo de ensino-aprendizagem, a maioria dos jovens considera que interfere significativamente uma vez que a participação em atividade na sala de aula e extra sala muitas vezes é inviabilizada em decorrência das constantes agressões/constrangimentos a eles direcionados. Atividades como as aulas de educação física e atividades culturais são as mais mencionadas quanto a dificuldade de participação em virtude da homofobia escolar.

Eu nunca fui a uma educação física que não era pros meninos brincarem de bola! Mas eu também não brincava! (JG01)

Na semana cultural eu nunca participei porque eu tinha vergonha. Mas só que no penúltimo ano que eu estudei, fui inventar de participar, e eu ficava na sala de exposição vestido de Lampião, mas todo pessoal que passava dizia que era pra eu ter me vestido de Maria Bonita. (risos). Aí depois desse ano eu nunca



mais participei também.
(JG05)

Observamos, também, uma atitude moralista de alguns jovens ao atribuírem essas agressões ao comportamento dos próprios jovens gays. Reproduz-se aí o discurso heteronormativo que justifica a violência enquanto conseqüências de suas posturas, por serem “depravados”, “pintosos”: “Se jogar... Ficar se jogando pros boys. Daí eles só querem um motivo pra poder ficar soltando piadinha, chamar de viado” (JG 04).

Esta homofobia internalizada é fruto da reprodução do entendimento de “respeito” numa perspectiva heteronormativa na qual ser gay ou vivenciar a homossexualidade livremente passa a ser uma ofensa, um desrespeito, portanto motivador de agressões, violência. “Lá no colégio é assim... A maioria me respeita. Eu não escuto piadinha de mau gosto, por que eu sei me comportar bem, eu respeito às pessoas e exijo respeito!” (JG06).

Esse posicionamento de defesa do “respeito” mútuo defende uma postura do “bom comportamento”, da adequação aos padrões heteronormativos, mesmo que só nos espaços de socialização com os demais e restringindo as expressões da homossexualidade ao gueto: *Tem uns locais, tipo boates, que eu me solto mais... Mas eu tenho respeito ao local, tipo, escola, trabalho* (JG14). Essa perspectiva é combatida com

veemência por alguns dos jovens participantes. Enquanto para alguns as causas da homofobia está em ser efeminado ou não - “*Você deve sofrer se você for efeminado, porque a bixas machudas não sofrem mesmo não... Porque elas são tudo homem e quem sofre mais preconceito é a mais efeminada.* (JG13) -, enquanto para outros a questão central está em ser gay ou não: “*Nem só quem é pintosa, é quem leva piada e sofre preconceito não! É de todos... Tanto faz... Têm muitas que nem são tão pintosas, mas sempre as pessoas percebem.*” (JG03)

Para alguns, geralmente os que demonstram maior facilidade em assumir a homossexualidade, a estratégia está em ignorar as agressões e tal postura é justificada pelo fato de não ser “*encubado*”, ou seja, de tornar pública a homossexualidade sem constrangimentos. Ao que nos parece, a auto-estima e o empoderamento estão ligados diretamente à resistência no espaço escolar.

4.2 Sociabilidade na Escola: as relações sociais vividas no ambiente escolar

Através das narrativas do vivido no cotidiano escolar dos jovens gays percebemos a ocorrência de atos de discriminação/agressão em virtude da orientação sexual. Os jovens revelam uma série de conflitos onde a orientação sexual parece definidora no processo de



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sociabilidade vivido na escola. Esses conflitos estão presentes tanto nos espaços formais, programados da escola (sala de aula, atividades culturais, atividades esportivas) quanto nos espaços de socialização dos/as estudantes (nas proximidades da escola, nos intervalos, nos banheiros, no percurso de retorno pra casa etc).

Apesar de revelarem não sofrer discriminação por parte dos profissionais de educação, algumas narrativas demonstram a inabilidade ou falta de compromisso dos/as educadores(a)s em suas intervenções educativas frente às manifestações da homofobia nos espaços de ensino-aprendizagem: *“Eu conversei com o professor e ele disse “eu não tenho nada a ver com isso, vocês resolvam entre vocês dois!”. Então ta certo! (...) Eu conversei com a diretora novamente e ela disse que não podia fazer nada!”* (JG09).

Quanto às relações sociais vividas no ambiente escolar percebe-se algumas dificuldades em estabelecer relações de amizade com os demais, restringindo seus campos de amizade e conseqüentemente diminuindo o interesse em freqüentar a escola, uma vez que um dos maiores motivos dos jovens em freqüentar a escola é o encontro com os amigos (DAMASCENO, 2001, entre outros). *Eu me sentia humilhado. Eu não andava com as meninas porque as*

meninas não queriam andar comigo... E eu não podia andar com os meninos porque eles não queriam andar comigo! Aí eu ficava sozinho! (JG03)

A relação entre homossexualidade e escola aparece nas narrativas enquanto um conflito vivido desde a infância, motivo de desistência dos estudos e evasão escolar, mesmo para aqueles que correspondiam aos padrões estéticos e performáticos da heteronormatividade.

Quando eu descobri que eu era gay mesmo, eu até fiquei com vergonha de ir a escola. Por causa desse meu jeito assim... e tal... (não efeminado) as pessoas acabaram criando aquela imagem de que eu seria homem, e eu percebi que se eles soubessem que eu era gay, eles iam se afastar de mim... (...) Aí eles acabaram criando aquela imagem de que eu seria hetero. (JG11)

Ter sofrido algum tipo de violência - física, verbal e/ou sexual - é considerado pelos jovens um motivo que dificulta de permanecer na escola na escola. *“Eu acho que sim... Muitos têm medo. Quem sofreu algum tipo de preconceito na escola tem medo de voltar e sofrer algum outro preconceito futuramente!”* (JG04). Para aqueles que assumiram a homossexualidade livremente na escola, o que mudou depois de se assumir



gay, foi o sentimento e “*alívio*”, de “*tranquilidade*”.

5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Diante do exposto, cabe considerar que as desigualdades sociais vividas por estes jovens nas dimensões de gênero, classe e raça, entrelaçam-se às questões da sexualidade, intensificando os obstáculos vividos em seus processos de formação, especialmente, aqueles relacionados à afirmação e reconhecimento dos seus direitos sexuais. As contradições, os conflitos e a reprodução de preconceitos observados nos discursos acima são reflexos do cenário social, onde a conquista e o reconhecimento dos direitos sexuais, na perspectiva das diversas orientações sexuais, convivem com a perpetuação e reafirmação da heteronormatividade, portanto, a produzir e reproduzir a violência homofóbica nos mais variados espaços de formação da juventude.

Por outro lado, alguns jovens LGBT, na vivência da homossexualidade - ao assumir-se publicamente – por meio de suas expressões corporais, de suas subjetividades, têm empreendido em seu cotidiano uma “pedagogia transgressora”, uma “contracultura”, frente a necessidade do reconhecimento e afirmação de sua identidade sexual, pois conforme podemos observar são os jovens homossexuais que têm posto à mesa

os saberes sobre a diversidade sexual, questionando assim, a hegemonia heteronormativa do sexual e desvendando, dando visibilidade a outras possibilidades de ser e/ou estar no mundo.

Os dilemas percebidos nas narrativas desses jovens enfatizam/ilustram as dificuldades de aprendizagem e a permanência na escola, em decorrência de exposição à situações de preconceito e discriminação diante de colegas e profissionais da educação configurados pela violência homofóbica. O modo como estes jovens anseiam por uma mudança nas relações que envolvem a escola no sentido de serem “aceitos” como homossexuais e de não terem que vivenciar todos os dias situações de violência onde há uma série de desgastes emocionais, conflitos psicológicos que afetam a aprendizagem chegando em alguns casos no abandono escolar. No entanto, a maioria considera a escola muito importante para sua formação, e esperam encontrar nesse espaço um local de respeito, de acolhimento.

Conforme se percebe, a abordagem da sexualidade no espaço escolar envolve não apenas os saberes sistematizados nesse espaço, mas também os adquiridos na formação individual e coletiva dos sujeitos, a partir da absorção de valores sociais e culturais oriundos de suas experiências de vida. No entanto, a abordagem dos saberes da



sexualidade e da diversidade sexual na perspectiva do enfrentamento da homofobia na educação formal, a educação sexual escolarizada, ainda apresenta-se como um grande desafio para a educação escolar.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam. CASTRO, Mary Garcia. SILVA, Lorena Bernadete. **Juventudes e Sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

DAMASCENO, Maria Nobre. Trajetórias da juventude: caminhos, encruzilhadas, sonhos e expectativas. In: DAMASCENO, Maria Nobre; MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VASCONCELOS, José Gerardo (orgs.). **Trajetórias da juventude**. Fortaleza: LCR, 2001.

FIGUEIREDO, Regina (org.). **Prevenção à DST/AIDS em Ações de Saúde e Educação**. São Paulo, NEPAIDS, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 13ª ed. Rio de Janeiro; Graal, 1988.

JOCA, Alexandre Martins. A Escola e o Trato com a Sexualidade na Formação Educacional da Juventude. In: **Respeitar as Diversidades e Combater as Desigualdades – Deus é Menino e Menina**. Alexandre Martins Joca, Antônio Crístian Saraiva Paiva, Geovani Jacó de Freitas, Luis Palhano Loiola. – Fortaleza: Gráfica Editora R. Esteves Tipoprogresso Ltda., 2008. a.

_____. **Diversidade Sexual na Escola: Um “problema” posto à mesa**. Dissertação de Mestrado. UFC, 2008. b.

_____. Educação escolarizada e diversidade sexual: problemas, conflitos e expectativas. In: **Desatando Nós: Fundamentos para a práxis educativa sobre gênero e diversidade sexual**. Adriaeno Henrique Caetano Costa / Alexandre Martins Joca / Luís palhano Loiola (organizadores). – Fortaleza: Edições UFC, 2009;

KOSS, Monika Von. **Feminino + Masculino: Uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

LIONÇO, Tatiana e DINIZ, Débora. Qual a diversidade sexual dos livros didáticos? In: **Homofobia e educação: um desafio ao silêncio** / Tatiana Lionço; Débora Diniz (Organizadoras). Brasília: LetrasLivres: EdUnB, 2009.

LOIOLA, Luís Palhano. **Coisas Difíceis de Dizer: as manifestações homofóbica do cotidiano dos jovens**. 2001. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação – FACED, Universidade Federal do Ceará, 2001.

_____. **Diversidade Sexual: para além de uma educação escolarizada**. 2005. 189 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação – FACED, Universidade Federal do Ceará, 2005.

_____. Aproximações teórico-práticas em torno da diversidade sexual. In: **Respeitar as Diversidades e Combater as Desigualdades – Deus é Menino e Menina**. Alexandre Martins Joca, Antônio Crístian Saraiva Paiva, Geovani Jacó de Freitas, Luis Palhano Loiola. – Fortaleza: Gráfica Editora R. Esteves Tipoprogresso Ltda., 2008.



LOURO, Guacira Lopes (org.). **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**; Petrópolis, RJ; Vozes, 1997.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: Maria Isabel Mendes de Almeida. Fernanda Eugênio (orgs.). **Culturas juvenis: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006;

_____. Jovens e Cidadania. **Sociologia, Problemas e Práticas**, nº 49, 2005, pp. 53-70.

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

PEDROSA, Francisco e CASTRO, Camila (Org.). **Juventudes homossexuais e sexualidades: comportamentos e práticas**. Fortaleza: GRAB, 2008.

SILVA, Cláudio Roberto. **A igualdade ainda vai chegar: desafios para a construção da “cultura de respeito” aos direitos de cidadania do segmento LGBTT em uma escola pública do município de São Paulo / Cláudio Roberto Silva**. São Paulo: s.n., 2010.

SIMÃO. Andréa Branco. **O uso de grupos focais em uma pesquisa sobre os comportamentos sexual, nupcial e reprodutivo: reflexões a partir de uma experiência prática**. ABEP. Caxambu/MG, 2006.

